

ENTRE CÉU E TERRA: Análise da liberdade de expressão entre o jornalismo virtual e impresso

David Eleotério Veiga

*Graduando no curso de bacharelado em Arte e Mídia
Universidade Federal de Campina Grande
Graduando no curso de bacharelado em Jornalismo
Universidade Estadual da Paraíba
david.e.veiga@gmail.com*

Luiza Monteiro Areas

*Graduando no curso de bacharelado em Arte e Mídia
Universidade Federal de Campina Grande
luizaareas@gmail.com*

RESUMO

A ligação entre o jornalismo impresso e virtual está se tornando cada vez mais explorada, evidente e funcional. Este artigo busca analisar dois parâmetros dentro da realidade dos meios de comunicação, o impresso e o vinculado à *Internet*, através de um perfil comparativo dos textos de Luiz Weis, jornalista filiado ao veículo impresso O Estado de São Paulo e dono do *blog* Verbo Solto. Através da postura tomada pelo jornalista tentou-se compreender mais plenamente as adaptações necessárias para a conjunção de dois modelos textuais, com temas semelhantes sendo abordados por diferentes pontos de vista do mesmo comunicador. Faz parte da metodologia deste artigo uma análise comparativa entre textos de Luiz Weis nos dois meios, além de entrevista com o mesmo.

Palavras-chave: *Webjornalismo*; Jornal; *Blog*, Luiz Weis

ABSTRACT

The connection between the traditional and the virtual press is becoming more and more common, evident and functional. This paper tries to analyze two parameters of the media: the

printed and the *Internet* one, through a comparative profile of Luiz Weis writings. Luiz Weis is filiated to the printed newspaper O Estado de São Paulo and has a *blog* called Verbo Solto. Studying his behavior, we tried to understand the necessary modifications of two textual models, with the same subject, being used to express different points of view of the same communicator. A comparative analysis of Weis writings on different media and an interview with him make up the methodology of this paper.

Keywords: *Webjournalism*; Journal; *Blog*; Luiz Weis

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento evolutivo humano não ocorre apenas no campo biológico. Criações e desenvolvimentos tecnológicos abrem novas formas de expressão e o homem busca se adaptar às inovações apresentadas, desde a fala, passando pela escrita e entrando na era digital. O processo evolutivo não cessou, mas agora se enveredou por mais de um caminho.

Desde a criação dos tipos móveis, que culminaria posteriormente no surgimento da própria imprensa, os meios de comunicação vêm se desenvolvendo intrinsecamente ao ritmo das novas tecnologias, da sociedade e sua economia, exercendo influência e, ao mesmo tempo, sendo influenciado por tal. Essa progressão tornou-se mais veloz e evidente, especialmente, após a chamada “Terceira Revolução Industrial”, sendo por si mesma impulsionada pelo aparecimento de novas tecnologias de informação.

Por volta dos anos 1990, com a popularização da *Internet* e as intensas reformas tecnológicas, notadamente nos meios de comunicação, a atividade jornalística foi radicalmente modificada (MORAIS. 2006): numa análise mais circunstanciada, observamos que o acesso a pesquisas e fontes e divulgação de informações está cada vez mais facilitado.

Essa constante evolução pode ser empregada utilmente como resposta aos que questionam se as novas tecnologias representam uma crise no jornalismo, uma vez que elas não são rejeitadas, mas somadas. Mesmo tendo o alcance de informações na rede, uma audiência não cessa de se utilizar dos meios tradicionais; a *Internet*, assim como os outros veículos, contém suas narrativas e funções particulares:

É no cruzamento entre o legado de hábitos e comportamentos adquiridos, as formulas herdadas e as potencialidades originais (bases de dados

hiperligações, motores de busca, interactividade, imediatividade) próprias do novo meio que se joga o presente e o futuro do jornalismo, dos seus gêneros, das suas formas de atenção e leitura, do seu design, da sua sintaxe, das suas narrativas e tipologias. (FIDALGO e SERRA, 2003, pp. 10-11).

O fazer jornalístico acompanhou as evoluções tecnológicas, tanto nas mutações dos meios antigos como na inclusão e adaptação aos novos, que é o caso do surgimento do *webjornalismo*. Os primeiros jornais migrantes para essa nova área, no fim dos anos 90, foram justamente os de grandes empresas de comunicação, cujos conteúdos eram apenas transcrições do que se via em suas versões impressas, no fim dos anos 90, e, em 2002, surge o “Último Segundo”, o primeiro jornal brasileiro de conteúdo restritamente on-line. (REIS. 2007)

Paralelo a essa conjuntura ocorre um fenômeno significativo no mundo digital: a expansão da área de atuação do jornalista para além dos grandes veículos de comunicação, inserindo-se no contexto dos *blogs*. *Blogs* são páginas pessoais de temas diversos, cujos registros, ou postagens, são dispostos de forma cronológica inversa e seu conteúdo é definido unicamente pelo autor, o *blogueiro*, que tem oportunidade de discorrer e expressar sua opinião sobre os mais variados temas. Segundo Araújo:

O *blog* no âmbito jornalístico tem ocorrido principalmente sob a forma de texto. Nessas publicações digitais, o conceito tem sido empregado nos cinco modos que remetem à idéia de *blog*: como programa de edição, como espaço de discussão – por meio dos *softwares* que disponibilizam o recurso de comentário -, como coleção de *links*, como diário e como *home page* pessoal, que se associa à idéia de coluna, quando transmutada para o estilo.

Com essa possibilidade de exprimir seu ponto de vista sobre determinado assunto sem sofrer qualquer tipo de coerção, os *blogs* seduziram a classe jornalística.

A Internet como meio de comunicação em massa

O advento tecnológico trouxe consigo uma cadeia de mudanças ímpar para a sociedade mundial, indo desde uma maior acessibilidade, desde informações variadas, até uma nova possibilidade de indivíduos distintos empregarem conhecimentos de experiências pessoais nessa nova nuvem informacional.

A caracterização da *Internet* como meio de comunicação em massa sofre questionamentos devido a características intrínsecas a ela que são destoantes dos meios de

massa tradicionais, como a televisão, rádio e o próprio jornal impresso. Para melhor entender as diferenças existentes entre o modelo virtual e o tradicional, deve-se primeiramente compreender o que caracteriza a comunicação de massa:

Comunicação de massa é geralmente definida como um-para-muitos ou *ponto a multiponto*. Nesse caso, uma mensagem é comunicada de uma única fonte para centenas ou milhares de receptores, com relativamente poucas oportunidades para a audiência comunicar-se de volta com a fonte (STRAUBHAAR e LAROSE, 2004, p. 9).

Esta caracterização levantada por Straubhaar e LaRose (2004), reflete bem o conceito básico da comunicação de massa, como um ponto único, geralmente uma grande corporação, tomando o papel de emissor da mensagem, que por sua vez é homogeneizada para um público heterogêneo.

A comunicação tornou-se algo fundamental na sociedade dentro de preceitos globalizantes, no qual o indivíduo se valida através da expressão no meio social, como afirma DeFleur (1993, p.141) “Parece mais do que evidente que as comunicações de massa hoje em dia são parte central de nossa estrutura institucional”. Logicamente, dentro de um campo tão mutável como o da comunicação, que não se prende a formas fixas de abordagem de seus meios, não pode se limitar a uma análise deste porte. Diversas vertentes, casos especiais e formas exclusivas de tratamento mídia/público virão a ocorrer, mesmo no caráter “tradicional” da comunicação em massa.

Segundo Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa autores do Dicionário de comunicação, o termo “comunicação em massa” se dá em veículos que são dirigidos por grandes organizações de profissionais com diversas habilidades, que através da sustentabilidade da economia de mercado e grandes recursos tecnológicos, possuem sua mensagem difundida entre milhões de usuários anônimos e heterogêneos (*apud* MONTEIRO, 2001, p. 31). A *Internet* então, a este parecer, segue os padrões necessários de um veículo de massas.

A *Internet* se encaixa em alguns pontos dessa definição abordada, e se opõe a outros, mas neste artigo buscamos tomá-la como meio de massa, graças a sua capacidade de homogeneizar uma mensagem para grupos diversos, independente da quantidade que possa vir a absorver esta informação. Quiçá por apresentar uma nova liberdade para o público,

possibilitando um *feedback* talvez mais dinâmico entre emissor e receptor, gerando com isso, uma nova relação no tratar da mensagem, ou por apenas uma pequena parcela ter alcance a essa tecnologia (segundo o Ministério da Ciência e Tecnologia, apenas 18% dos brasileiros têm acesso contínuo a Rede), a *Internet* ainda não é aceita como meio de comunicação em massa. Essa recusa inicial também foi notada em outros casos, como o advento da Televisão, contexto no qual a mesma era encarada como simples forma de entretenimento.

O meio virtual pode, assim como outros modelos de comunicação de massa, ir além das expectativas direcionadas a este, agindo como um estabilizador social sem precedentes, já que a própria massa pode gerar respostas diretas ao emissor, e sua participação ainda pode ser mais bem explorada, desde que tal espaço seja aberto por autoridades como governos e empresas. A necessidade dos meios de comunicação em uma sociedade democrática é reforçada pelo ponto de vista de DeFleur (1993 p. 143) “Sociedades assim precisam da mídia para manter a aquiescência e o apoio das populações”.

Um ponto merecedor de destaque do meio virtual é a liberdade que esta trouxe para quem a acessa. Tal liberdade foi um dos fomentadores do crescimento deste na sociedade e, como parte componente do modelo social, a comunicação passou a se integrar neste campo também. Este ponto será analisado mais profundamente no item seguinte, no qual se traça uma linha de análise da adaptação do meio jornalístico, referente ao campo impresso para o novo patamar digital.

As duas faces da moeda – o texto virtual em paralelo ao impresso

A evolução dos meios de comunicação através dos tempos, desde Gutenberg até o advento virtual, cada vez mais presente no dia-a-dia dos cidadãos globais, está interligado às modificações naturais que ocorrem no parâmetro social.

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação e do acesso da população as tecnologias de informação, o conceito de um diálogo limitado esta sendo substituído por um modelo *ponto a multiponto*, também voltado para uma lógica empresarial, adequando-se às evoluções técnicas e tecnológicas para atender a demanda do mercado em busca de informação, tentando alcançar o maior número de pessoas, e com isso ter uma maior base de leitores/espectadores para oferecer ao mercado publicitário, uma das principais fontes de sustento dos veículos de comunicação de massa.

O relato de fatos de repercussão e relevância social foi atribuído ao jornalismo, que em seu formato impresso atendeu a esta função de forma estável desde sua criação até os dias atuais. Com o advento digital, a *Internet* mostrou-se adaptável ao modelo do jornalismo impresso em alguns pontos, tanto que uma forma próxima de texto jornalístico impresso é utilizado na rede, o *webjornalismo*.

Diferenciar os textos impressos e virtuais mostra-se indispensável para melhor entendimento da abordagem deste trabalho. Ao tentar analisar possíveis diferenças no discurso de um jornalista que se utiliza destes dois meios para divulgação de informação se percebe a necessidade de um breve levantamento dos pontos contrastantes entre estes meios de comunicação.

A construção da notícia se baseia nas respostas das perguntas: O quê?, Onde?, Quando?, Quem?, Por quê? e Como?. Estes questionamentos são utilizados a partir da teoria da Pirâmide Invertida, que tem por base a informação, ou seja, as perguntas previamente mencionadas, mostrando o cerne da questão no início do texto, desenvolvendo detalhes no decorrer da construção jornalística.

Tomar a teoria da Pirâmide como verdade absoluta dentro do jornalismo impresso seria um erro. O modelo tem seu valor e em certa parte seu uso é incentivado para chamar atenção no início do texto impresso, entretanto, como toda regra, existem exceções, onde estas são reforçadas pela constante mudança do campo referente à comunicação.

Pontos que dizem respeito ao desenvolvimento textual impresso, como a tendência a tratar fatos por seus pontos mais atraentes para o público, foram absorvidos pela *Internet* em seus produtos textuais voltados para o jornalismo, como a quase indispensável resposta as perguntas básicas, textos de padrão focado em fatos e em um olhar geral, traz boa parte da bagagem do impresso, adequando-a a velocidade de informação, com textos sucintos centrados no básico da informação, abrindo a possibilidade de ir além, com o uso do hipertexto. Segundo Marcuschi:

O termo 'hipertexto' foi cunhado por Theodor Holm Nelson em 1964, para referir uma escritura eletrônica não-seqüencial e não-linear, que se bifurca e permite ao leitor o acesso a um número praticamente ilimitado de outros textos

a partir de escolhas locais e sucessivas, em tempo real. Assim o leitor tem condições de definir interativamente o fluxo de sua leitura a partir de assuntos tratados no texto sem se prender a uma seqüência fixa ou a tópicos estabelecidos por um autor. Trata-se de uma forma de estruturação textual que faz do leitor simultaneamente co-autor do texto final. (1999)

As facetas do impresso e do virtual se aproximam em vários quesitos, e o ponto abordado nesse trabalho, o *blog*, consegue se ater a um gênero mais opinativo do jornalismo tradicional, ainda se espelhando no jornalismo impresso, onde a ponte é o próprio jornalista, tendo como um dos diferenciais mais relevantes a liberdade quase que irrestrita de expressão, muito explorada por jornalistas de diversos centros de informação.

Em entrevista a revista *Carta Capital*, Amorim avalia o papel da *Internet* na atualidade: “Ela é a última janela aberta para uma imprensa razoavelmente independente” (*apud* ATHAYDE, 2006, p. 29).

A liberdade além da linha editorial adequada ao contexto jornalístico é um dos pontos mais explorados no meio virtual, onde as limitações impostas por uma grande empresa comunicativa podem ser transpostas, contornadas e até mesmo confrontadas, sendo o jornalista seu próprio limitador.

Tal independência jornalística é extremamente explorada nos *blogs*, onde grande quantidade de profissionais da área se utilizam deste espaço virtual para expressão em sua própria conjunção de análise, ou até mesmo outros campos do estudo jornalístico.

Transformação: A palavra impressa torna-se virtual através de Weis

Dentro de uma miríade de alternativas a serem analisadas, faz-se necessária uma restrição, buscando objetividade e adequação ao tema proposto, onde o questionamento do jornalista sobre a mudança, em seus textos veiculados no meio impresso e virtual deve ser desenvolvido. O profissional escolhido foi Luiz Weis¹. Tal escolha se deu através de

¹ Perfil disponível em seu *blog*: “Jornalista, pós-graduado em Ciências Sociais pela USP, onde lecionou Sociologia da Comunicação. Escreve no ‘Observatório da Imprensa’ e no jornal ‘O Estado de S.Paulo’. Entre outras atividades, foi redator-chefe das revistas ‘Superinteressante’ e ‘IstoÉ’, editor-assistente da ‘Veja’, editor político e apresentador do programa Perspectiva da TV Cultura, editor nacional da ‘Visão’ e editor de assuntos especiais da ‘Realidade’. É autor, com Maria Hermínia Tavares de Almeida, de ‘Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar’, in ‘História da Vida Privada no Brasil’, Lilia Moritz Schwarcz (org.), 1998, e do perfil

determinados pontos de análise. Tais elementos buscam retratar os critérios de escolha utilizados para este personagem do meio jornalístico:

- Primeiramente, seu reconhecimento na área jornalística, voltado para análises da conjuntura social brasileira.
- Sua experiência em diversos veículos reconhecidos nacionalmente.
- A credibilidade de seus textos no meio jornalístico.
- A força do jornal impresso no qual exerce a profissão atualmente, O Estado de São Paulo, um dos jornais de maior vendagem do Brasil.
- O fato de ter seu *blog* ligado ao Observatório da Imprensa, órgão civil que busca acompanhar a mídia brasileira como um todo.
- Por fim, a relação de textos e temas abordados nos dois veículos.

A metodologia que se utilizou para comparar os textos escolhidos foi a de análise comparativa, buscando confirmar a existência de uma diferença de tratamento ou abordagem relacionando-se, através do conteúdo, por parte do jornalista em ambas as categorias textuais, impressa e digital, no que diz respeito aos *Blogs*.

A partir da exposição dos textos em questão, previamente escolhidos devido a sua relevância na conjuntura social brasileira e repercussão dentro da mídia nacional, buscaremos elencar trechos e pontos de abordagem que afirmem ou não a problemática levantada. A escolha dos artigos impressos e colunas pela co-relação temática busca demonstrar as semelhanças ou ausências destas nos textos do mesmo autor.

Análise comparativa: Estadão x Verbo Solto.

1º ANÁLISE – O ESPANTALHO DO TERCEIRO MANDATO VS. O BERÇO DO FACTÓIDE DA RE-REELEIÇÃO

Através de um estudo sobre a conjuntura da publicação do *Blog Verbo Solto*, escrito por Luiz Weis pode-se notar o uma resposta imediata à afirmações feitas por Dora Kramer, já que o texto “O berço do factóide da re-reeleição” foi veiculado na *Internet* no mesmo dia da publicação

político de Vladimir Herzog (sem título), in ‘Vlado — Retrato da morte de um homem e de uma época’, Paulo Markun (org.), 1985. Recebeu o Prêmio Esso de Jornalismo Científico, em 1990.”

do artigo opinativo da jornalista, no veículo O Estado de São Paulo, para o qual Luiz Weis também escreve.

Inicialmente, o autor busca avaliar facetas do prisma político no qual a notícia acerca do possível terceiro mandato foram levantadas por Kramer. Ele contesta afirmações da jornalista sobre uma preparação da base *Petista* para um prolongamento do governo, baseada em uma emenda constitucional apresentada pelo deputado Devanir Ribeiro.

Considera a opção de que o desenvolvimento do boato de um terceiro mandato foi apenas reforçada pela ação de Ribeiro, já que nove meses antes o cientista político Leôncio Martins Rodrigues, em entrevista ao também escritor d'O Estado de São Paulo, Gabriel Manzano Filho, levantou a probabilidade da aceitação pública para com o governo do presidente Luís Inácio “Lula” da Silva ser tamanha que poderia apoiar um prolongamento do mandato, afirmações essas que são apoiadas pelo ex-presidente FHC. Por fim o *jornalista-blogueiro* encerra argumentando que o boato foi fomentado pela mídia primeiramente, ao contrário do que foi divulgado, por ações políticas. O próprio Weis cita a amizade do cientista político com o ex-presidente, denotando uma possível ligação de interesses, mas envereda pela influência midiática acerca do conflito eleitoral.

Enquanto isso, a partir de uma análise contextual do tema do artigo de Luiz Weis, publicado na sessão Opinião do jornal impresso *O Estado de São Paulo*, nota-se em sua abordagem jornalística um estudo da estratégia assumida pelo partido oposicionista ao governo do PT, no decorrer do texto “O espantinho do terceiro mandato”.

A “ofensiva” *PSDBista*, direcionada ao presidente Lula, figura mais carismática dentro do Partido dos Trabalhadores, busca evitar que este se utilize de tal aceitação popular para buscar um terceiro mandato, fato já explorado pelo PSDB que aproveitou a repercussão positiva do plano FHC para dar a este um segundo mandato, no ano de 1998.

O Partido Social Democrático Brasileiro teme que a estratégia para manutenção de poder por eles perpetrada em 98 que se mostrou funcional, também o fizesse para o *Petista*. Ao tentar levantar pontos negativos nesta “tomada de atitude” do governo vigente, o PSDB acabou por mostrar uma faceta negativa de atitudes próprias do passado: a pretensa quebra da democracia

pela probabilidade de extensão de um mandato presidencial, onde a quebra de democracia agora é o lema de confronto por eles utilizado.

De modo geral, o PSDB critica uma atitude espelhada em ações próprias, o que enfraquece seu argumento dentro de um padrão político, mas que não o faz em um âmbito prático, já que esta negatividade só se mostra funcional e com conseqüências se abordada pela mídia e levada ao público, fato que não está ocorrendo.

Com a junção dos dois textos, pode-se analisar comparativamente diferenças na abordagem do jornalista para com um tema semelhante.

Observa-se que em sua primeira análise do fato, “O berço do factóide da re-reeleição”, Weis tomou uma postura mais crítica e direta, sendo incisivo e categórico em suas citações, sem se utilizar de eufemismos a fim de uma construção textual mais leve, sendo em alguns momentos até irônico em seus questionamentos para com Dona Kramer e sua avaliação da conjuntura política acerca do caso do terceiro mandato:

Mas é falso, como se lê hoje na coluna Dora Kramer, do Estado, que “Lula deixou que sua tropa lançasse a idéia do terceiro mandato, semeou o grão, o assunto virou tema ‘inventado’, uma ‘bobagem’ de interesse exclusivo dos meios de comunicação carentes de matéria-prima e uma ‘fabulação’ alimentada pela oposição com o intuito de prejudicar o governo e atrapalhar a votação da CPMF”.

É falso porque não foi a tropa de Lula que lançou a idéia nefasta – seja lá o que o seu oficialato ruminasse em privado a respeito. (WEIS, 2007a)

O jornalista ainda mantém essa abordagem nos levantamentos do cientista político Leôncio Martins Rodrigues, caracterizando como “catastrofista” o cenário proposto por este.

É possível perceber uma atitude mais agressiva no *Blog*, podendo ser justificada pela quase ausência de limitações, que ocorrem com freqüência em empresas de comunicação como jornais impressos, televisionados ou radiofonados, dentro de uma linha editorial justificada abertamente como uma identidade jornalística a ser seguida, mas que se baseia, em grande parte, na defesa dos interesses econômicos e políticos da empresa.

Em sua abordagem do tema pelo meio impresso no texto “O espantinho do terceiro mandato”, atenta-se a uma construção textual mais esmiuçada, visto que, 20 dias após “O berço do factóide...” publicado no Verbo Solto, em sua coluna n’O Estado de São Paulo a

abordagem é direcionada à construção do boato da tentativa de prolongamento do mandato, promovido pelo PSDB: “O PSDB começou a agitar o pano vermelho nos idos de janeiro [...] Portanto, nove meses antes [...] foi posta a circular a versão de que o Planalto tratava de criar as condições para que o presidente começasse a ‘trabalhar por um terceiro mandato’”. Aparentemente, depois de estudar o caso de forma mais aprofundada, ele dá mais destaque à influência do partido nas ações que evidenciaram tal possibilidade do que à proposta de Ribeiro. Isto não denota falta de preparo para a primeira análise, mas sim um aprofundamento na segunda, que acaba por justificar sua publicação ao trazer afirmações “antigas” melhor elaboradas e com maior embasamento.

Ainda usando de ironia, embora mais sutil e menos gritante no aparente silêncio das entrelinhas, Weis aborda de forma direta o PSDB como gerador de um boato que prejudicaria diretamente o presidente Luiz Inácio, usando de sarcasmo ao levantar que

“fizeram em 1997 o que afirmam, horrorizados, que Lula quer fazer em 2007, apenas com um re a mais: aprovaram a emenda da reeleição, de quebra com uns votinhos comprados nos grotões, valendo já para o presidente de turno - senão, cadê a graça?”. (Verbo Solto

Mostra-se uma ligação entre os textos impresso/virtual no momento em que Weis cita a atitude contra-Lula, tomada pelo PSDB antes mesmo da iniciativa de Devanir Ribeiro, e afirma, assim como no meio digital que já estava sendo vinculada na imprensa uma provável preparação no Planalto para o prolongamento do governo Lula. A menção está lá, mas não completa, pois um dos veículos a tomar a atitude criticada foi o próprio jornal no qual a coluna é vinculada. A linha editorial funciona como um limitador que não se encontra no texto virtual.

A crítica, ainda que menos ácida, consegue atingir o PSDB de forma tão válida quanto, já que é mais embasada em uma provável inquirição, guiada pela experiência do jornalista na área política que direciona os fatos, afirmando que atitudes agora repudiadas, já foram exercidas pelo partido.

Criticando a postura do PSDB, além de mudanças de atitude do mesmo, Weis fecha o argumento no jornal com uma análise repreensiva, mostrando a inutilidade pública do boato levantado, propendendo uma restrição em sua agressividade, pela evidente maior repercussão

do texto no veículo impresso, onde o simples fato de levantar os pontos negativos da atitude partidária agressiva do PSDB já se mostra prejudicial, ao contrário do meio virtual, não tão popular, mas que compensa em liberdade de expressão e ataques mais diretos aos criticados.

Neste caso, percebe-se uma leve disparidade entre os veículos, na postura tomada pelo jornalista, medindo alegações a partir do meio, adequando sua construção textual e conseguindo alcançar uma crítica diferenciada em alvos, mas de peso semelhante em efeito.

O uso do veículo digital como forma de monitoração do próprio jornal no qual o escritor está inserido como contribuinte toma um caráter vigilante, avaliando atitudes contra afirmações inverídicas, complementando assim no meio impresso uma versão melhor trabalhada sobre o ponto de vista de Weis. Como forma de correção para outros pontos de vista expostos mostra uma complementação inter-veicular, onde o virtual critica o papel, e o impresso reforça o digital, e ligando estes meios encontra-se Weis.

2º ANÁLISE - A ACEITAÇÃO DO INACEITÁVEL VS. HOLOCAUSTO BRASILEIRO

Weis se refere, no *post* “Holocausto brasileiro”, à fuga d’O Estado de São Paulo à prerrogativa de que se busca evidenciar notícias de grande impacto na primeira página do jornal. Essa em questão discute a divulgação de números do Data-SUS, do Ministério da Saúde, iniciados a ser coletados em 1979, atestando que a taxa de mortalidade provocada por assassinatos pode chegar à margem de um milhão de pessoas ainda no ano de 2008.

Decerto para não machucar os seus leitores no momento mesmo em que batem os olhos no jornal, o Estado deste domingo preferiu chamar discretamente na primeira página, em vez de alertar em manchete, como seria mandatário, para o pacote de matérias devastadoras que ocupa o espaço útil de quatro páginas do seu caderno Metrópole. (WEIS, 2008c)

O autor se utiliza, mesmo que um tanto sarcasticamente, dos dados oferecidos na reportagem pelo Data-SUS, além de criticar levemente o fato de mortes provocadas por acidentes “na selva do trânsito” não estarem inseridas nos dados, mostrando uma inclinação a encará-las como homicídio.

Wilson Tosta, integrante d’O Estado de São Paulo em sua sucursal carioca buscou o uso de dados para reafirmar a veracidade da matéria exposta, na qual cria projeções acerca de

certa redução nos números de mortes. Weis ressalta que nos trinta anos tomados para a análise, dois militares e cinco civis estiveram no poder do Estado Nacional, sempre com a afirmativa de que possuíam políticas voltadas para a segurança, deixando nas entrelinhas que o contraste destas ações com os números mostrados passa certa falha por parte dos governos neste quesito.

Ainda reforça a seriedade do caso com a história de Inês Maria da Silva, 67 anos e residente na cidade do Recife, que teve os cinco filhos assassinados num período de vinte anos, gerando uma discussão voltada para o lado humano da questão, além de citar uma frase de impacto proferida por Inês Maria: “A gente tem que se conformar, ficar calada”. Declara, então “Para mim, nada do que tenham dito, escrito e assinado as citadas excelências para combater o holocausto brasileiro vale qualquer coisa perto da afirmação de Inês” (WEIS, 2008c), mostrando o apelo pessoal do assunto.

O autor encerra discordando das afirmações de Tim Cahill, da Anistia Internacional para o Brasil, em entrevista para Adriana Carranca que um milhão de mortes em 30 anos é algo inaceitável: “Errou. É aceitável, sim senhor. Fosse inaceitável, os assassinados de hoje não seriam quatro vezes mais numerosos do que os de 1979” (WEIS, 2008c). Para ele, além do aumento da taxa após esses anos, também pela omissão de jornais como O Estado que deveriam evidenciar isso para a sociedade e pela probabilidade de tentar fazê-lo, como o próprio autor o faz, seja considerada como exagero.

Entretanto, no veículo impresso O Estado de São Paulo, Weis retoma a prerrogativa da taxa de um milhão de mortes ser alcançada em 2008 ou em 2009 no texto “A aceitação do inaceitável”. Ele remete a reportagem ao jornal no qual o texto foi veiculado, o próprio Estado de São Paulo.

Ele refere-se novamente nesse texto, publicado três dias após seu artigo veiculado em seu *Blog Verbo Solto*, ao caso de Inês Maria da Silva e seus cinco filhos assassinados, além de mostrar a opinião de Tim Cahill, da Anistia Internacional para o Brasil, que afirma tal taxa como inaceitável. Porém, aqui, sua resposta é mais extensa:

Inaceitável? Só se for como sinônimo de um repúdio que a inércia torna irrelevante. A insegurança se transformou na primeira preocupação dos brasileiros, o combate à violência consome recursos cada vez maiores, a

questão da criminalidade atrai um número também crescente de estudiosos e propostas, a segunda metade desta década leva jeito de deixar menos assassinados que a primeira - mas, ainda assim, a conta moral não fecha. (WEIS, 2008d)

A postura de não aceitar o fato é caracterizada como irrelevante por Weis que mostra a inércia de ações como limitadora de ações.

O fato do medo de roubos ou seqüestros ser mais debatido que o da perda da própria vida é tratado com choque e revolta medidos pelo jornalista. A ausência de conflitos militares ou confrontos antiditatoriais não são a justificativa para tal número de mortes, no qual as ausências de tais características, próprias de um conflito armado, poderiam justificar uma diminuição nos homicídios, o que não ocorre no Brasil. Weis cogita uma falta de solidariedade humana, já que não se nota uma resposta social para os casos de mortes que atingem níveis extremos, como o caso de Inês Maria, por exemplo.

Um retrato do descaso nacional acerca do assunto foi feito a partir de uma carta emitida por um leitor ao Estadão, onde este afirmava que com o novo e mais rígido Código de Trânsito Brasileiro estavam querendo transformar o país em uma “Suécia”, reforçando os pontos negativos a partir da afirmação de outro jornalista, desta vez da Folha de S. Paulo, Rogério Gentile, de que no Brasil se ganha votos por abrandar multas por excesso de velocidade.

“Nos transformar numa Suécia?’ O Brasil é o inaceitável país em que dá votos abrandar as multas por excesso de velocidade, como assinalou anteontem na Folha de S.Paulo o articulista Rogério Gentile.”(WEIS, 2008d) Aqui ele volta o “inaceitável” para outro campo de batalha, o trânsito brasileiro. Ao mostrar como as taxas de mortes nas estradas estão interligadas a ações governamentais voltadas para cunho eleitoreiro, mesmo que com conseqüências graves.

O jornalista constata:

A complacência e a impunidade pertencem ao mesmo tronco familiar. A primeira vem do lado da sociedade. A segunda, do Estado. Talvez esta não descenda em linha direta daquela. Mas, por serem aparentadas entre si - e com a corrupção -, sustentam a passividade em face da inaceitável ausência do "sistema coercitivo". A expressão é de Daniel Cerqueira, do IPEA, entrevistado pelo repórter Wilson Tosta para a matéria sobre o milhão de homicídios em vias de se completar. (WEIS, 2008d)

A total falta de cumprimento das leis vigentes sobre assassinato, por exemplo, dão força para a taxa crescente, onde o autor encerra que nos resta conformidade para conviver com a situação.

Ao analisar comparativamente ambos os textos, observam-se alguns pontos contrastantes que devem ser estudados com mais cuidado. Tal trato dos textos terá início por ordem cronológica, ao se analisar primeiramente o veiculado na mídia digital, “Holocausto brasileiro”.

Como primeiro ponto levantado, Weis ressalta a atitude do Estadão, a partir do momento que este não dá maior evidencia em relação a alarmante taxa de mortos por assassinato no Brasil, mesmo com menos fervor do que lhe é comum em relação a análises no *Blog Verbo Solto*. “[,,]o Estado deste domingo preferiu chamar discretamente na primeira página, em vez de alertar em manchete, como seria mandatário, para o pacote de matérias devastadoras que ocupa o espaço útil de quatro páginas do seu caderno Metrópole.” (WEIS, 2008c). Uma característica comum ao jornalismo como um todo não deixa de ser utilizada no *Blog*; o uso de dados como fundamentação da matéria, mostrando certos estudos jornalísticos passíveis de serem aplicados no meio virtual.

Após um embasamento estatístico, Weis remete responsabilidade a todos os presidentes que governaram o país, por políticas de segurança ineficazes, e que culpa indiretamente pessoas públicas, o que poderia trazer conseqüências em um meio de comunicação mais abrangente, ou seja, novamente a liberdade virtual gera oportunidades de levantamentos mais diretos.

Em seguida, o jornalista volta à reportagem para uma análise das conseqüências em nível pessoal, tomando uma postura que busca humanizar através de uma ótica populista, usando o infeliz caso de Inês Maria da Silva como um exemplo que busca chocar.

Ao se continuar a análise do texto, temos o uso das palavras de uma figura pública, interligada ao assunto relatado, Tim Cahill, da Anistia Internacional para o Brasil, usando a imagem deste para respaldar suas próprias declarações, um recurso jornalístico comum no meio impresso, ressaltando um caráter interligado entre ambos, no que diz respeito ao

jornalista/*blogueiro*. O autor ainda se atém a regras jornalísticas, como remeter entrevistados ao entrevistador, caso exemplificado na figura de Cahill e sua entrevistadora Adriana Carranca.

Após a afirmação do integrante da Anistia Internacional, Weis assume um caráter opinativo mais aberto e direto, avaliando a postura conformista da sociedade e dos meios de comunicação, o que não teria liberdade para fazer em um centro comunicacional como um jornal impresso, a exemplo d'O Estadão.

Após isso, Weis volta a tratar da questão da taxa de assassinatos no Brasil no artigo veiculado n'O Estado de São Paulo, "A aceitação do inaceitável". Retomando resumidamente o que o próprio já abordou em sua coluna, ele cita rapidamente o foco de seu artigo virtual, mostrando que esses agora funcionam como base para a construção destas idéias.

No decorrer do texto ele assume seu caráter articulista, analisando a partir de opiniões próprias o inaceitável aceitado pela sociedade. Aceitação da morte, crime hediondo dentro de uma sociedade, mas repúdio ao que diz respeito a nível material ou de bem estar, revelando características sócias de maneira sutil, mas deixando a semente do descontentamento em cada letra.

Ao se utilizar de citações de um rival em vendagens, o caso do articulista Rogério Gentile, Weis foge de uma linha comercial fechada e anti-concorrência comum aos meios de comunicação, buscando reforçar seu texto com um profissional respeitado da área.

Em seguida, observa uma proposta governamental que diminui a multa contra excesso velocidade no trânsito em ano eleitoral, uma busca agradar a população mais do que ser funcional em seu caráter de punição, que pode revelar pontos eleitoreiros por parte do governo. Entretanto, ao fazê-lo, é de maneira leve para não provocar uma possível resposta governamental direcionada ao jornal como um todo, uma vez que o governo possui e faz de uso como moderador nas reportagens dos meios de comunicação em geral.

O uso desta afirmação como conectivo entre temas ligados abordados no texto, característica própria do texto jornalístico, leva o leitor a pontos não expostos na abordagem do Data-SUS, as mortes em estradas federais, trabalhando em seguida a ausência destes dados no levantamento do órgão como uma falha.

Por fim, uma análise de como a população tem certa parcela de culpa graças a complacência da situação atual, Weis fecha tentando buscar do público leitor uma resposta a tal responsabilização.

LEVANTAMENTO DA ABORDAGEM DE LUIZ WEIS

Luiz Weis consegue transmitir conhecimento na construção textual de ambos os veículos analisados, tanto que seus textos tem considerável relevância no cenário jornalístico brasileiro, o que se pode ver através de reportagem da *CartaCapital* referente a relação entre grandes veículos de massa e *blogs* jornalistas, publicada em 25 de Outubro de 2006.

Através do estudo deste artigo, pode-se notar um padrão na co-relação virtual/impresso. Primeiramente, as análises do *blog* são imediatistas, característica própria do *webjornalismo*, como cita Melanie Retz Godoy dos Santos Zwicker, no texto *Memórias em rede: A Internet no cotidiano dos comunicadores: "O tempo real, ou quase real, decorre principalmente do imediatismo proporcionado pela Internet"* (2005, p.185).

Tal abordagem que busca trazer a notícia quase que imediatamente após o ocorrido tem suas vantagens, como a divulgação no momento de grande relevância social, mas também tem suas falhas, como a falta de profundidade e passividade de erros do emissor do texto.

A instantaneidade dos fatos também é utilizada por Weis que traz avaliações da imprensa nacional no mesmo dia que as pressupostas falhas ocorreram, como o caso da coluna de Dona Kramer, por exemplo. Entretanto a profundidade dos textos de Weis é maior nos casos dos veículos impressos, sem retirar a qualidade daqueles veiculados em meio digital, mas confirmando que seu texto é mais bem trabalhado em relação a pesquisa no seu modelo impresso.

A liberdade de expressão é explorada ao máximo, ainda que dentro dos limites do decoro, ao criticar diretamente pessoas públicas, além do uso livre de sarcasmo, onde este é condenado em alguns casos do jornalismo mais tradicional, como em divulgações de obras públicas em veículos impressos, por exemplo. Esta liberdade é explorada também como forma de monitoramento do veículo impresso no qual o jornalista escreve.

Em um plano geral, Weis utiliza-se do *Blog Verbo Solto* como um centro de monitoramento social, indo além dos parâmetros de estudo do jornalismo, com fundamentação em teorias do meio de comunicação impressa ligando-as a liberdade editorial própria dos *Blogs* pessoais, gerando uma linguagem híbrida, em textos resumidos e centrados no fato bruto, em uma análise crua, por vezes sarcástica.

Com base no estudo dos textos examinados neste artigo, publicados pelo jornal O Estado de São Paulo, afirma-se que os mesmos funcionam em uma linha evolutiva daqueles postados no *Blog Verbo Solto*. Geralmente enviados a público com alguns dias de diferença em relação aos textos virtuais, nota-se um melhor embasamento e pesquisa naqueles veiculados em mídia impressa.

Após o conhecimento do *Blog* e seu conteúdo, é positivo afirmar que a linha editorial funciona como um limitador dos textos focados no papel. O nível sarcástico de Weis é reduzido, mas ainda presente, atitude tomada por vários jornalistas do ramo, ao ludibriar a editoração através de pequenas cargas de ironia em seu texto.

Inter-relações entre os textos são evidentes pelos temas abordados, mas geralmente, o texto impresso traz um novo ponto de vista, mais elaborado e que parte das análises do texto virtual.

O jornalista mostra, então, uma abordagem única em sua relação jornalista/*blogueiro*, já que ele primeiramente toma o texto virtual e apenas dias após a publicação deste ele concretiza o texto impresso, rumo inverso de vários profissionais da área.

Luiz Weis se adequou a diversas mudanças técnicas e tecnológicas, entrando em um novo patamar de jornalista que agrega dois veículos de forma complementar, com evidente diferença de tratamento, mesmo em temas idênticos, mostrando as possibilidades de se utilizar dois meios próximos, mas contrastantes, em um quesito de primeira grandeza no jornalismo, a liberdade. Expressando-se livremente na *Internet* e reforçando tais afirmações prévias Weis usa os veículos de forma conjunta, trazendo uma gama de possibilidades novas, ao jornalismo. Tal gama já é explorada em outros casos, mas tem-se em Weis o exemplo de tal uso nos dias atuais.

As possibilidades do uso da *Web* não são mais referentes a um futuro, pois já são exploradas atualmente, como foi retratado neste artigo.

VIRTUAL X EDITORIAL

Como já foi abordado anteriormente, a *Internet* é um dos centros de comunicação com maior liberdade nos dias atuais. Tanto é que o mais diversificado número de pessoas, das mais variadas faixas etárias, crenças, posição social e outros pontos diferenciadores como um todo, tem a liberdade de se expressar através da *Web*, desde que o mesmo possua o acesso à rede mundial de computadores.

Com o seu caráter agregador, o meio virtual busca aparentemente englobar os mais diversos pontos da realidade comum para si, homogeneizando a vida social em uma fonte *universalizante*, onde um indivíduo tenha a possibilidade de encontrar suas necessidades sociais e a resolução de seus desejos pessoais em um único ponto, o que se torna demasiadamente atraente.

Outro ponto a ser observado, é a probabilidade de resposta quase que imediata sobre o que é veiculado no meio digital, tanto que este ponto é de grande valor no meio virtual, já que em outros meios de comunicação o mesmo não é muito explorado ou incentivado. A *Internet* se diferencia das limitações de *feedback* oferecidas por outros centros de comunicação, como pode-se ver na afirmação de Pierre Levy:

O contexto global instaurado pelas mídias, em vez de emergir das interações vivas de uma ou mais comunidades, fica fora do alcance daqueles que dele consomem apenas a recepção passiva, isolada (1999 p. 117)

Leva-se a refletir se tal liberdade de diálogo entre emissor e receptor tem utilidade prática em uma construção jornalística. Em comparação a um jornal, por exemplo, a sessão de cartas de leitores é limitada por questões gráficas, de espaço, ou ligadas à editoração do mesmo. A revelia disso, o meio virtual traz consigo a possibilidade de diversos leitores demonstrarem sua opinião, chegando a até 30 mensagens em resposta ao texto divulgado, número consideravelmente maior que aqueles referentes à expressão do leitor em meios impressos.

Não se pode encarar a *Internet* como a utopia da expressão pública, até porque o uso do veículo como exemplo de resposta é válido, mesmo que não completo. Olhando mais detalhadamente, no impresso existe uma limitação em relação ao número de leitores, mas o que estes levantam é por vezes mais detalhado e mais profundo. No caso de resposta para textos postados em *blogs*, o número de caracteres é limitado, onde o número de respostas não o é, mas o tamanho desta sim, o que pode empobrecer em alguns casos a troca de informações gerando por vezes o papel de apoiador ao leitor virtual, ou apenas de crítico, onde um aprofundamento no texto pode não ser plenamente expresso.

O modelo virtual/libertário em relação ao público pode criar uma tendência da popularização do jornalismo como um todo, onde indivíduos sem o conhecimento do jornalismo tradicional possam produzir textos jornalísticos, seguindo exemplos de *blogs*, ou sites opinativos, como o estudado nesse artigo. Luiz Weis ressalta este fato:

Dito de outro modo, faz bom jornalismo quem, profissional ou amador, segue a regra segundo a qual "cada um tem direito às próprias opiniões, mas não aos próprios fatos". Ou, em outra versão, o princípio de que "as opiniões são livres, mas os fatos, sagrados."² (Mensagem Pessoal)

Com uma postura que busca reunir em si os mais variados setores, a *Internet* enquanto meio de comunicação se assemelha a outros meios, como já foi abordado neste artigo. Não seria capaz também de que meios tradicionais fossem influenciados pelas inovações tecnológico-digitais?

Através do meio impresso observa-se que tal questionamento pode ter uma resposta afirmativa quanto a uma adaptação do tradicional as inovações. Tradições tendem a ser esquecidas, mas se estas se revestirem dos padrões da atualidade, uma nova forma de abordagem, tanto tradicional quanto inovadora pode vir a ocorrer.

Diversos jornais impressos do Brasil seguem um modelo ímpar, onde o próprio veículo oferece *blogs* para seus funcionários, dando assim a oportunidade de interação com a nova mídia, ainda com proximidade do jornal. Citando dois jornais, dentre os de maior tiragem em todo o país que seguem tal modelo, Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo.

² Em entrevista concedida aos autores deste artigo em 06 de Junho de 2008

Tal atitude pode ser encarada como uma forma de gerar novas experiências para os integrantes do jornal, ou a busca de uma imagem mais livre, incentivada pelo jornal, ou pode ser analisada como uma forma de limitar em um meio pressuposto como livre.

Ainda não existe uma aceitação completa sobre esta migração do impresso para o virtual, onde conseqüências provenientes da expressão fora do papel podem tomar proporções vindas das editorias. Steve Outing demonstra algumas dessas conseqüências em seu artigo, voltado para a realidade do jornalismo norte-americano, “*When journalists blog, editors get nervous*” (Quando jornalistas *blogam*, editores ficam nervosos), como se pode ver no trecho abaixo, através de tradução livre da equipe de construção deste artigo:

Mas o que acontece quando jornalistas profissionais entram nesse mundo normalmente controverso? Em muitos casos, seus patrões se sentem desconfortáveis. Em poucos casos, repórteres foram demitidos ou punidos por causa dos seus *blogs* pessoais. (2004, p. 2)

A liberdade na *Internet* e as linhas editoriais dos meios impressos são conflitantes e partir do pressuposto de que a primeira mídia pode ser considerada totalmente livre, onde o limitador é o próprio indivíduo e a segunda pode ser considerada limitadora, onde se tem que atender aos interesses de uma empresa e a todos os fragmentos sociais ligados a ela.

Por mais que se busque dizer que a linha editorial está mais tênue, ou que a mesma inexistente, acredita-se através de estudos deste trabalho que ela ainda é um limitador e que as funções jornalísticas exercidas além dela podem ser prejudiciais ao profissional, não no nível de credibilidade, mas em questões trabalhistas.

Vale ressaltar, entretanto, que a generalização seria uma falha, pois casos ímpares podem ter como foco principal a liberdade de expressão como norteador, caso do jornalista estudado, Luiz Weis, tanto que o mesmo faz questionamentos sobre o jornal no qual participa como articulista de opinião. Tal postura é reforçada pelo próprio Weis em entrevista aos autores deste artigo, “No mais, no jornal e no *blog*, escrevo o que penso” (Mensagem Pessoal), afirma.

O contraponto importante de se estudar é de que nem todos os jornais impõem suas vontades além de suas páginas, mas o peso de um julgo negativo dos editores para com um texto contrastante com a postura do jornal já é um limitador para um jornalista que busca conciliar o equilíbrio entre o papel de um jornal e um *blog* veiculado através da *Internet*.

As limitações para construções textuais livres existem, isso é fato, mas pode-se ir além, onde é possível até mesmo criar um perfil utópico, mas assim como existem barreiras, existe quem se disponha a transpô-las. Linhas editoriais passam de norteadores para diretrizes inquebráveis, mas a quem se dispa delas e nestes indivíduos reside à possibilidade de ir além destas limitações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo avaliando um universo de palavras e como estas podem trazer grandes diferenças, ainda que em pequenos detalhes, a possibilidade de uma análise breve traz o mérito da palavra, sua versatilidade.

Ao confrontar dois modelos do meio de comunicação como um todo, notou-se que o ato de transmitir informação traz características marcantes em si, o que aproxima as duas vertentes abordadas. Todavia, diferenças também foram notadas no decorrer deste trabalho e, dentro deste plano de contraste, reconhecemos a resposta para o questionamento levantado.

A existência da linha editorial como norteador e limitador é um fato conhecido por comunicólogos e indivíduos dos mais diversos meios sociais. A liberdade virtual, na qual a única restrição é apenas a mente de quem se expressa, também já é reconhecida. A ligação entre estes dois meios através de Luiz Weis abre os olhos para como um jornalista se comporta em dois campos tão distintos e, ao mesmo tempo, tão semelhantes.

Jornalistas sempre buscam equilibrar a expressão livre com as restrições que lhes são impostas. A liberdade oferece ir além destas paredes editoriais, possibilitando ser a liberdade base do texto a ser criado. Um sopro de fôlego apreciado por muitos, tanto que existe uma linha migratória entre meios.

Por mais que se possa afirmar que a liberdade vai além da limitação, a linha editorial ainda acorrenta as palavras de muitos. Ela pode não chegar a calar, mas muda o tom da voz de quem escreve. Afirmer uma liberdade de expressão total seria um exagero. O próprio escritor se limita por conceitos pessoais. Mas as linhas, se não rompidas, podem ser contornadas.

Confrontações diretas para com o veículo que lhe cede espaço e paga-lhe para tanto seriam repreendidas, mas pode-se trilhar um caminho escondido, nas entrelinhas e nele reside um infinito de possibilidades.

Sim, a linha editorial existe, cria fronteiras e um campo próximo ao infinito e abre portas para as mais diversas formas de expressão, todavia em ambos pode-se observar o mesmo fato, mas as lentes serão diferentes, tanto para quem escreve, como para quem lê.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, Arthur Vasconcellos. **A notícia que é notícia: o blog jornalístico.** Disponível em: <http://penta3.ufrgs.br/PEAD/Semana01/conceito.pdf>. Acesso em 04 de julho de 2008.

ATHAYDE, Phydia de. As relações desiguais. **Carta Capital**. São Paulo: n. 416, p. 29, Out 2006. Semanal. ISSN 1809-6697

DEFLEUR, Melvin L. **Teorias da comunicação de massa.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

FIDALGO, António; SERRA, Paulo. **Jornalismo online: informação e comunicação online.** Disponível em: http://www.labcom.ubi.pt/livros/labcom/pdfs/fidalgo_serra_ico1_jornalismo_online.pdf. Acesso em: 04 de Julho de 2008.

LEVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34. 1999, 260 p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto.** Disponível em: <http://www.pucsp.br/~fontes/ln2sem2006/17Marcus.pdf>. Acesso em: 04 de Julho de 2008.

MONTEIRO, Luis. **A Internet como meio de comunicação: possibilidades e limitações.** Campo Grande, 2001. Dissertação (Mestrando em Design). PUC, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://leatrice.files.wordpress.com/2008/05/Internetcomomeiodecomunicacao.pdf>. Acesso em: 04 de Julho de 2008.

MORAIS, Larissa. **A Internet como espaço público: um olhar sobre o 'blog do Noblat'.** Ribeirão Preto, 2006. Dissertação (Mestranda em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/19363/1/Larissa+Morais.pdf>. Acesso em 04 de Julho de 2008.

OUTING, Steve. **When journalists blog, editors get nervous.** Disponível em http://www.editorandpublisher.com/eandp/columns/stopthepresses_display.jsp?vnu_content_id=2092374. Acesso em: 04 de Julho de 2008.

REIS, Bianca Rocha Do Nascimento. **O Jornal De Papel Na Era Dos Veículos On-Line:**

recursos e conceitos da *Internet* nas páginas impressas. Rio de Janeiro, 2007. 16 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social, habilitação Jornalismo). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

STRAUBHAAR , Joseph; LAROSE, Robert. **Comunicação, Mídia e Tecnologia**. São Paulo: Thomson, 2004.

WEIS, Luiz. **O berço do factóide da re-reeleição**. Disponível em:
http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/blogs.asp?id_blog=3&id=%7bD79DF329-1A18-4905-BB34-9831D6BB7912%7d&data=200711. Acesso em: 05 de julho de 2008a.

WEIS, Luiz. **O espantinho do terceiro mandato**. Disponível em:
http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20071128/not_imp86902,0.php. Acesso em: 05 de julho de 2008b.

WEIS, Luiz. **Holocausto brasileiro**. Disponível em:
http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/blogs.asp?id_blog=3&id=%7bFDF07904-52B9-4175-A7BC-E71ECFDCDD59%7d&data=200801. Acesso em: 06 de julho de 2008c.

WEIS, Luiz. **A aceitação do inaceitável**. Disponível em:
http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20080123/not_imp113664,0.php. Acesso em: 06 de julho de 2008d.

WEIS, Luiz. Entrevista p/ Artigo Científico [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <david.e.veiga@gmail.com> em 06 de Junho de 2008.

ZWICKER, Melanie Retz Godoy dos Santos. **Memórias em rede: a Internet no cotidiano dos comunicadores**. Bauru, 2005. 266 p. Dissertação (Mestranda em Comunicação Midiática). Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho"